

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE PEDAGOGIA**

**Maria Jordelly Felinto Lopes de Sá**

**SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: AMOR E SEXO**

**CAJAZEIRAS-PB  
2004**

**MARIA JORDELLY FELINTO LOPES DE SÁ**

---

**SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: AMOR E SEXO**

Trabalho de monografia apresentado a Universidade Federal de Campina Grande – Centro de Formação de Professores - CFP, em cumprimento às exigências acadêmicas para a obtenção do título Licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Betânia Maria de Oliveira

Cajazeiras- PB  
Setembro / 2004



S111s Sá, Maria Jordelly Felinto Lopes de.  
Sexualidade na adolescência: amor e sexo / Maria  
Jordelly Felinto Lopes de Sá.- Cajazeiras, 2004.  
50f.

Monografia(Licenciatura em Pedagogia) Universidade  
Federal de Campina Grande, Centro de Formação de  
Professores, 2004.  
Contém Bibliografia.  
Não disponível em CD.

1. Sexualidade - adolescentes. 2. Amor. 3. Sexo -  
adolescente. I. Oliveira, Betânia Maria de. II.  
Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de  
Formação de Professores. IV. Título

CDU 613.88-053.6

"A resposta que o homem dá a um desafio não muda só com a realidade com a qual se confronta. Muda o próprio homem cada vez mais, e sempre de modo diferente. "Pelo jogo constante destas respostas o homem se transforma no ato mesmo de responder". No ato mesmo de responder aos desafios que lhe apresenta seu contexto de vida, o homem se cria, se realiza como sujeito, porque esta resposta exige dele reflexão, crítica, invenção, eleição, decisão, organização, ação...Todas essas coisas pelas quais se cria a pessoa e que fazem dela um ser não somente "adaptado" à realidade e aos outros, mas "integrado" pela ação, é que o homem se constrói como homem".

Paulo Freire

## **DEDICATÓRIA**

Aos meus pais com sua luz e maestria norteiam meus passos.

## **AGRADECIMENTOS**

Muitas foram as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para a elaboração dessa monografia. Agradeço especialmente:

A Betânia Maria, que com sua paciência e sabedoria auxiliou nas minhas dúvidas, tornando-a cada vez mais admirável.

Ao meu filho Alysson Gustavo Filho, que me deu força para pensar em vencer na vida.

Aos meus pais, que estavam sempre me apoiando nas horas de cansaço durante a elaboração desse trabalho, e pelo carinho eterno.

E a meu grande DEUS, que tudo fez, para me fazer chegar até aqui.

# SUMÁRIO

<b>RESUMO</b> .....	07
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	08
<b>CAPÍTULO 1 – SEXUALIDADE HUMANA</b> .....	11
<b>CAPÍTULO 2 – A ENCRUZILHADA ADOLESCENTE: O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA</b> .....	17
<b>CAPÍTULO 3 – SEXUALIDADE INFORMADA</b> .....	31
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	40
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	49
<b>ANEXO</b> .....	51
I – Tabelas	
II – Questionário	
III – Plano de Atividades	

## RESUMO

O grande índice de gravidez precoce, DSTs e AIDS na adolescência é uma realidade preocupante no cenário social contemporâneo. Em função disso, este trabalho forneceu aos jovens da Escola Estadual de Ensino Fundamental André Gadelha, da cidade de Sousa-PB, informações acerca da sexualidade, para auxiliá-los a ter uma vivência responsável no tocante à sexualidade. Acreditamos que a Orientação Sexual deve contribuir para que os adolescentes exerçam sua sexualidade com prazer e responsabilidade, oferecendo subsídios aos alunos sobre a sexualidade, identificando valores, preconceitos, tabus e analisar o modo como estes lidam com a sexualidade, sendo que, inicialmente utilizamos um questionário (anexo). Desta forma foram utilizados os seguintes métodos: leitura e análise dos textos; filmes; músicas; dinâmicas de grupo. Os resultados evidenciam que os adolescentes são carentes de informações acerca da sexualidade. Embora tenham um grande interesse em aprender sobre as questões relacionadas à sexualidade, faltam subsídios, pois, os adolescentes têm fases que a escola não pode fechar os olhos apresentando apenas os aspectos físicos, descartando os sonhos, desejos, afeto, sentimentos. Assim, os adolescentes precisam de apoio, para que os problemas contidos sobre a sexualidade diminuam, fortalecendo seus conhecimentos, procurando viver com mais responsabilidade.

**Palavras-chaves: Sexualidade; Orientação Sexual; Adolescentes**



## INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema: Sexualidade na Adolescência: Amor e Sexo e teve como propósito mostrar a grande importância que a sexualidade traz para abordar temas como: relação sexual, gravidez precoce, AIDS, DST, entre outros, mostrando os benefícios e malefícios, enfocando os alunos dentro e fora da escola. Os adolescentes têm fases que a escola não pode fechar os olhos, pois, nela cabem sonhos, desejos, medos, idéias, afetos, crescimento, conhecimento e que certamente, envolve todo o contexto sobre a sexualidade.

O meu interesse pela realização deste estudo, surgiu a partir das necessidades que os adolescentes têm sobre o tema, fazendo com que, houvesse uma preocupação dos pais e professores podendo assim, auxiliar nas suas dúvidas e dificuldades. Desse modo, observei que os adolescentes eram carentes de informação e que precisavam ser acompanhados, ajudados a conseguirem respostas esclarecedoras para que eles possam sem medo e sem dúvidas viver sexualmente tranquilos.

Diante disso, surgiram questões, que foram imprescindíveis, para o presente estudo, tais como: o grande índice de gravidez na adolescência, o aumento das doenças sexualmente transmissíveis junto com a AIDS, mostrados pela falta de informação, formação e esclarecimento.

Diante da realização desse estudo, ao longo de três capítulos buscamos contribuir para uma reflexão quanto a sexualidade na adolescência, mostrando a grande dificuldade que se têm em abordar a referida temática junto aos

alunos e aos professores.

O primeiro capítulo enfoca o conceito de sexualidade e sexo interpondo a sexualidade humana, que mostra o que somos agora e que vai mudando aos poucos contribuindo para a nossa própria identidade sexual, relacionado aos preconceitos, aos valores, aos sentimentos, relacionando a importância da sexualidade na vida do ser humano.

O segundo capítulo focaliza o adolescente e suas mudanças, suas perdas, seus medos, a rejeição feita pelo adulto, mostra a importância da família que envolve afetos, diálogo que tanto pode ser pelos pais como pode ser pela escola. Esta tem todo o direito de orientar de forma que esclareçam os tabus, medos para que possam ampliar os conhecimentos sobre a vida sexual.

O terceiro capítulo mostra a sexualidade de forma que os adolescentes possam ser informados adequadamente sobre a gravidez precoce, os métodos contraceptivos, as doenças sexualmente transmissíveis, o prazer, enfocando soluções para se ter uma vida sexual feliz e saudável.

Por fim, as considerações finais deste trabalho aborda todo o contexto da sexualidade, mostrando assim, a análise dos questionários aplicados aos adolescentes, como também, os encontros feitos semanalmente, tendo assim, um maior esclarecimento sobre suas dúvidas e dificuldades a respeito da sexualidade.

Nessa perspectiva, acreditamos que a Orientação Sexual deve contribuir para que os adolescentes exerçam sua sexualidade com prazer e responsabilidade. O tema está ligado ao exercício da cidadania, pois, propõe trabalhar o respeito por si e pelos outros, além de garantir direitos básicos como saúde e conhecimento.

Portanto, este trabalho busca dá municiar os jovens com conhecimentos acerca da sexualidade, tendo recursos para trabalhar o tema abordado sem nenhuma barreira de dificuldade na abordagem da sexualidade na escola. Assim, espero que esta pesquisa favoreça aos adolescentes, um apoio para os problemas contidos sobre a sexualidade diminuam, fortalecendo o conhecimento destes adolescentes.

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAIÇERAS - PARAÍBA

## CAPÍTULO I – SEXUALIDADE HUMANA

A sexualidade é um fenômeno da existência humana que faz parte da vida de todas as pessoas. Homens, mulheres, adolescentes e crianças possuem corpos sexuados que obedecem a alguma característica e leis de funcionamento biológico, mas também contêm outras dimensões culturais, sociais e econômicas. Na realidade, a construção da sexualidade é um processo extremamente complexo, concomitantemente individual e social, psíquico e cultural, que possui historicidade, envolve práticas, atitudes e simbolizações.

O homem é um ser de necessidades, de relações e de valores. A sociedade atual não dá aos jovens muitas possibilidades de participação nas decisões que dizem respeito a eles, mas empurra os adolescentes e os jovens para um relacionamento sexual precoce, sem amor e sem responsabilidade. A sexualidade é o conjunto de elementos físicos, psíquicos e morais, próprios de um indivíduo que o diferenciam de outros indivíduos do mesmo e do outro sexo. A sexualidade é abertura, tendência para o outro e não prazer egoístico. O sexo é uma força que impregna, influencia e afeta o ato da pessoa. Como relata Azevedo (2001 p. 136):

A sabedoria do homem reside nesse exercício inesgotável, por essa razão ele não para nunca de aprender a conhecer o mundo, aprender a liberdade, aprender o encontro com o outro e principalmente consigo mesmo.

A sexualidade é a maneira de ser no mundo e de se relacionar com os

outros. A sexualidade marca os sentimentos, os pensamentos e as aspirações. A aceitação do próprio sexo específico; ser homem ou ser mulher; e a aceitação do próprio esquema corporal: do corpo, dos órgãos genitais.

O sexo sofre modificações quanto ao seu sentido, a sua função, e a sua regularização, ao ser deslocado do plano da natureza para o da sociedade, da cultura e da história. Durante muito tempo, falar de sexo era proibido ou constrangedor, pois este era sempre associado a idéias negativas de "coisa feia", pecado, vergonha, imoralidade e sujeira. Falar de sexo é extremamente difícil. Esse nosso silêncio "profissional" sobre algo biológico e natural do homem, tem causado sérios problemas aos indivíduos e à sociedade. Como afirmação de Guimarães (1995 p. 23):

O homem foi elaborando, histórica e culturalmente, um conjunto de posturas em torno do sexo, que fez com este transcendesse o próprio homem. Surgiram tantas exigências regras, cerimônias, interdições e permissões que tornaram a atividade sexual um tabu.

Ao fecharmos os olhos para a questão da sexualidade como algo natural, conseguimos alçá-la à condição de coisa proibida, tabu, o que foi prejudicando a saúde do nosso corpo e de nossa mente. Sabemos que o desenvolvimento da sexualidade está inteiramente ligado ao desenvolvimento integral do ser humano, representando uma parcela muito importante na estruturação da personalidade. A sexualidade é algo natural, presente em todas as pessoas: crianças, jovens, adultos e idosos. Ao mesmo tempo está cercado de repressões, valor diverso, preconceitos que afetam essas energias espontâneas. É algo importante no comportamento humano, mas deverá ser supervalorizada e nem tratada sem dúvida preparação do profissional

responsável pelo trabalho. É um trabalho cercado de medos e dúvidas, tanto por parte do docente com, o dos alunos. O adolescente terá de repensar suas posturas, preparar-se para responder aos questionários muitas vezes embaraçosos e até pessoais. A invasão de privacidade não deverá acontecer, tanto do lado do professor como na do aluno. Situações íntimas e pessoais deverão ser discutidas particularmente, de preferência com um profissional especializado. Como Suplicy et. al (2000, p. 17) ressaltam que:

Ao transformar-se constantemente, o educador proporciona as condições para também o educando se transformar a construção da auto-estima; a elaboração do pensamento crítico e criativo; a promoção do respeito e da solidariedade. Sendo a adolescência uma fase de intensos questionamentos e estruturação da personalidade, uma orientação bem conduzida será muito valiosa, pois possibilitará a alunos e professores construir juntos o conhecimento sobre a sexualidade humana e darem novos significados a suas vivências. A problemática enfocada contribui, assim, para a organização da identidade do adolescente.

O sexo e a sexualidade foram durante muito tempo reprimidos pela sociedade, através de suas culturas, valores e crenças, foram mesmo assim, apesar de toda uma liberdade sexual e de toda informação veiculada pela mídia, através de revistas, televisão, jornais e rádios, encontrados inúmeros problemas e dificuldades que preocupam os jovens de uma maneira geral, tais como: a gravidez na adolescência, as DSTs / AIDS, etc.

Diante disso, os pais costumam transformar sorrisos em rostos sérios. Mas, na verdade, precisa-se perder o medo de falar, quebrar as barreiras, todos os inúmeros tabus, brincar, abraçar e beijar seus filhos. O início pode se dar por uma brincadeira ou qualquer outro motivo. Contudo, é preciso que se propicie aos jovens informações adequadas no que diz respeito às transformações, características da puberdade, relação sexual, concepção e

contraceção, aborto, doenças, sexualmente transmissíveis, principalmente a AIDS. É preciso cautela para que não se instalem medos ou noções de pecado sobre a idéia das manifestações da sexualidade e de prazer, uma vez que é integrada do desenvolvimento do ser humano, como relatam Suplicy et. al (2000 p. 33):

Ao longo desses momentos, normalmente a família se constitui num lugar de tensões e conflito. Se, por um lado, existem os questionamentos do adolescente, por outro, os pais encontram dificuldade em aceitar a crescente autonomia que os jovens vão conquistando.

Em muitos lares as conversas sobre a vida sexual dos jovens continuam sendo completamente marginalizadas por preconceitos familiares. Os pais precisam criar hábitos de conversas com os filhos, sobretudo o que acontece de bom com os jovens na fase de transformação emocional. O adolescente, na maioria das vezes, é privado em sua liberdade de expressão. Os pais de um modo geral acham difícil falar de sexo com seus filhos adolescentes, tendo como reflexo sua educação cheia de tabus. Com isto sentem muita dificuldade em agir de forma diferente da educação que receberam.

A sexualidade é um tema que deve ser tratado com muita atenção e carinho. Ela interfere com valores, com padrões éticos, estéticos, políticos de cada um, e com ela é parte íntima de cada um de nós, é algo que deve ser tratado com muita responsabilidade, Nunes e Silva (1999 p. 169) afirmam que:

A sexualidade é uma dimensão humana fundamental, que não pode jamais ser negada ou anulada sem deixar seqüelas éticas e privações existenciais...

Nós vivemos num momento histórico onde se ampliaram demais as

possibilidades sexuais e a tolerância para todos os movimentos e idéias, pois é reflexo de uma democracia, historicamente construída. Mas vivemos em sala de aula, ou na realidade das escolas, uma educação sexual ainda reprimida. E agora não é mais reprimida pela proibição, agora é reprimida pela liberação exacerbada, pela falta de formação da questão humana da sexualidade. Dizer que questões referentes a sexo estão presentes em todos os programas da mídia é repetir o óbvio. Nossa mídia está "sensualizada", erotizada. A maioria das relações que vemos nos programas são sexualizadas. As mensagens da mídia são estonteantes, penetrantes, persuasivas, onipresentes. Ora, grande parte dessas mensagens estão ligadas a sexo. O que se percebe de imediato é que o sexo se banaliza. Ele se torna uma mercadoria, que é comprada e vendida como qualquer outra mercadoria. As coisas mais íntimas e belas se coisificam, pois a mídia consegue uniformizar, quantificar, transformar tudo em série.

Está cada vez mais difícil distinguir entre ações e gestos que sejam verdadeiramente nossos, originais, criativos, e o que é insinuação, prescrição, ou até mesmo obrigação imposta pela mídia. A beleza e a sensualidade delicada e arrebatadora da sexualidade humana são descaracterizadas e desumanizadas, para a alegria mórbida de personalidade geralmente desestruturadas psicologicamente. Ou para excitar e responder à curiosidade dos adolescentes. Este é o problema maior. Fica mais difícil a transmissão de uma visão humanizada da sexualidade associada à afetividade a quem, desde cedo, se familiarizou com os desvios sexuais banalizados pela torrente de imagens de desvios e práticas grosseiras, agressivas, até mesmo mutiladoras, contrárias à natureza. Pois a questão hoje é que está cada vez mais difícil



pensar, e com isso está cada vez mais difícil tomar consciência, vai diminuindo sempre mais. E assim vamos nos coisificando, robotizando, tornando-nos maquininhas que só respondem a estímulos. Louro et. al (2003, p.91) dizem que:

Os professores dizem que seus alunos são fracos, com um mau comportamento, que criam um ambiente tenso nas aulas, ou apáticos, que não estão preocupados com os conteúdos que a escola tem a lhes oferecer, sendo que hoje a escola é mais um local de relações sociais entre eles do que propriamente um local de estudo.

E aqui se coloca a questão da sexualidade. É preciso resgatar essa coisa maravilhosa que é o bem-querer, o enamorar, o sentir a beleza, o frescor e a maravilha do que está ao nosso lado. Essa experiência maravilhosa e gostosa é nossa, e é irrepetível. É contra isso que podemos e devemos reagir. Queremos manter nossa criatividade, nossa originalidade, e principalmente nossa liberdade. Isso se dá através do processo de reflexão, discussão, questionamento. Então, precisamos estar sempre atentos, tanto pais como professores que ainda não se deram conta do que está acontecendo.

Por isso, a sexualidade é uma dimensão humana séria e precisa ser trabalhada com muita responsabilidade, com pessoas que se sintam à vontade com o tema e que se identifiquem com o trabalho junto com adolescentes. A sexualidade é a própria marca afetiva da condição humana. A pessoa tem uma dimensão da sexualidade, como um valor real, que o define como ser humano, por isso ela não é uma mera preparação dialógica. Ela tem que ser um ato sujeito, com estima, com ternura, com beleza, com envolvimento e com responsabilidade ética, com participação e aprendizado entre duas pessoas. Veremos então, as relações entre o adolescente, a família e a escola no próximo capítulo.

## CAPITULO II - A ENCRUZILHADA ADOLESCENTE: O

### PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAMPUS PARÁIBA

O adolescente é este ser em mudança que, passando por uma crise vital, apresenta características peculiares a esta etapa evolutiva. Então, vamos pensar nas transformações pelas quais nossas crianças passam na pré-adolescência / adolescência. Na infância, via de regra, pais e filhos são muito ligados. Os filhos pequenos são muito dependentes dos pais e, por isso mesmo, há uma cumplicidade entre eles que parece inabalada. As crianças são enamoradas de seus pais, acham-nos, muitas vezes, poderosos, sabidos, ricos.

Na pré-adolescência, isso começa a se quebrar. O pré-adolescente/adolescente sente necessidade de ficar independente, de criar uma identidade própria, de uma certa forma, ir contra os modelos da família. Neste momento, estão decepcionados com os pais, saudosos dos pais idealizados da infância, quanto à mãe era linda e o pai forte.

É nesta fase que o menino ou a menina devem adaptar-se a uma situação onde sua condição de ainda-não-adulto e não-mais-criança o coloca num estágio que pode ser considerado como confinante. É justamente nesta dificuldade de saber quem é, própria a um não-ser-ainda e não-ser-mais-como-antes que se configuram suas relações bastante conturbadas, onde se mascara sua fragilidade. Entrar na adolescência é descobrir-se único, é deparar-se com a existência de uma subjetividade própria, na busca de identidade. A constatação disso é dolorosa, tendo que enfrentar a solidão

inerente à individualidade. Suplicy et. al (2000, p.29) relatam que:

O adolescente experimenta uma reorganização do modo de viver, descobre novas sensações e conceitos, procura se entender e se conhecer nesse novo corpo e se situar diante de novas responsabilidades sociais. Sente que vive o fim da infância e o início de uma nova fase. Para poder desfrutar dela, é necessário que ocorra no psiquismo a elaboração das perdas referentes ao mundo infantil. Trata-se de reorganizar a imagem corporal, a representação de um corpo que muda rapidamente. A ele correspondia um papel de dependência, que se manifesta através de atitudes e ações frente aos pais.

Na adolescência ocorrem transformações físicas e psíquicas. Deixamos de ser criança, para, aos poucos, sermos adultos. Nesta fase, enfrenta-se a "carece" dos pais. Inicialmente, o que é psíquico? É tudo que está relacionado com as emoções, sentimentos, dúvidas, certezas, medos, alegrias, etc. A adolescência é uma "estrada" que leva a criança para a fase adulta. Portanto, é passageira. É uma fase onde, aos poucos, experimentamos o que é ser adulto. E neste jogo, de ora sermos crianças e ora sermos quase adultos, é que acontecem aqueles sentimentos que vivenciamos, tais como: vontade de discordar dos pais, às vezes sem motivo aparente, dúvidas, curiosidades, novas descobertas, interesse pelo sexo oposto, modificações do modo de pensar e ver a vida, mudanças de humor repentinas, ficar mais tempo com a turma, busca de independência, etc, como propõe Tiba (1994, p.34):

O adolescente, nesse período, está atento para o porquê das coisas, persegue a relação entre causa e efeito, quer saber como tudo funciona. O primeiro mecanismo que ele procurará desvendar, serão as ordens dos pais – que até então lhe pareciam aceitáveis e até esperadas. É comum que, ao receber uma ordem que cumpriu a vida toda, um belo dia a criança interpele os pais: "Por que eu devo fazer isso?"

Por outro lado, os pais também costumam ficar ressentidos e pouco reconhecidos. Sofrem uma perda do filho mais dependente deles. Por conta das grandes mudanças hormonais (aparecimento de pêlos, cheiros, espinhas, mamas), o adolescente, sentindo vergonha de lidar com esse novo corpo, se retrai, se afasta também fisicamente dos pais.

Mudanças essas, que são comuns na puberdade, aparecendo nas meninas por volta dos 10 anos: o aumento dos seios; o aparecimento dos pêlos pubianos; o crescimento dos pêlos axilares, aproximadamente seis meses antes da menarca; espinhas e a menarca, enquanto aos meninos aparecem por volta dos 13 anos: o início do crescimento do escroto dos testículos; aparecimento dos pêlos pubianos; o aumento do pênis; as primeiras mudanças na voz, pêlos axilares, espinhas; desenvolvimento na barba e primeira ejaculação.

Com todas essas mudanças aflorando, o adolescente precisa de espaço e apoio dos adultos em suas práticas de experimentar o novo e desafiar o mundo. Por isso o papel do adulto é fundamental. A adolescência é uma fase cheia de contradições e decepções, mas também de grandes paixões e alegrias. Os fenômenos próprios da área corporal são os mais conhecidos, porque mais aparentes, e decorrem de estímulos hormonais, mudanças na aparência física. Todas elas ligadas a sentimentos antagônicos, originando uma "imagem corporal" que é fruto de dados objetivos, mas principalmente as fantasias, de dados subjetivos da história pessoal de cada indivíduo.

Assim, diante dos conflitos da adolescência, podemos dizer que o indivíduo evolui da organização da infância para a desorganização da adolescência. O adolescente sofre três grandes perdas: corpo de criança; os

pais idealizados da infância; a identidade infantil. Os laços com os pais são modificados e são estabelecidas novas identidades com colegas e professores. Há o surgimento de novos ídolos. Assim, Azevedo (2001, p. 142) informa que:

O adolescente, por encontrar-se num estágio de busca de identidade, persegue sua própria face em múltiplos espelhos que desfilam a sua volta: os pais, amigos, ídolos e personagens. Confuso, perdido dentro de si, encantado e ao mesmo tempo assustados ante tantas possibilidades, anseia que lhe apontem a caminho menos doloroso para percorrer, ou tenha encontrar a trilha sozinho, conferindo-se a certeza de ser capaz.

O Adolescente tem medo de não se tornar alguém, medo de não ser produtivo como os pais, medo de ser incapaz, de não poder escolher um futuro, uma profissão. Então, estamos falando de uma época de lutar contra os próprios impulsos, aceitá-los ou não, amar e odiar os pais, ter vergonha e, por vezes, parecer sem pudor, imitar os outros, enquanto procura a própria identidade, parecendo ao mesmo tempo generosos e egoístas, auto concentrados e dispersos do mundo. Ao mesmo tempo, se dá conta de que não são auto-suficientes, o que gera insegurança, deixando-os vulneráveis e mais sensíveis a qualquer influencia, como usar drogas, transar sem camisinha, correr com o carro. Nada o atinge na sua onipotência.

Rejeitar que o jovem se expresse em sua linguagem é negar uma de suas primeiras tentativas de experimentação na entrada nesse mundo diferente, misterioso, excitante e, ao mesmo tempo, perigoso e ameaçador da sexualidade adulta. Qualquer diálogo, escrito, ou face a face, que se tente entabular com os jovens sem reconhecer sua linguagem e o seu estilo, tende ao fracasso. E para que eles possam, realmente, ouvir o que precisam, bastam refletir, repensar, questionar o que pensam, o que isso seja considerado, É

preciso ouvir o que ele pergunta. Nem sempre o jovem entende o que se passa com ele e sua sexualidade. É preciso que ele mesmo se compreenda.

A antiga relação de poder, que regia o vínculo pai-filho na infância, vai perdendo terreno na medida em que o processo adolescente se instala, com a conseqüente busca de autonomia. Na área psicológica, os principais conflitos se dão pelo abandono das identificações infantis. Surgem novas identificações intensas e características desta época de transição. Os limites e as novas funções não são definidos nem hierarquizados, e o indivíduo se vê confuso entre seus desejos infantis, suas fantasias, os objetivos novos, recém-descobertos, o sentimento de perda e a necessidade de elaborar estas perdas.

É importante que os pais entendam essa fase como a busca de um caminho, de uma identidade. É difícil, mas é preciso ter tolerância para que esse turbilhão se transforme em crescimento e aprendizagem. Se compreendidos, o desprezo aparente pelos valores familiares é transitório e os valores dos pais terão peso na sua formação de adultos. Ser aberto ao diálogo não que dizer aprovar tudo que o filho faz. É, sim, poder refletir com ele sobre o que você, como adulto, sente, permitindo que ele elabore suas opiniões, mesmo em discordância das suas. Os pais devem colocar sua opinião, mas de maneira a não cortar o canal de comunicação. Guimarães (1995, p. 30) ressalta que:

[...] a família tem sido a estrutura social da legitimação, da imposição da ideologia e do poder humano, marcando em profundidade a estrutura psicológica do indivíduo. ...Na família fervilham as contradições, nela acontecem os jogos do amor e do ódio, da construção e da desconstrução, da proteção e da violência[...]

Existe hoje um predomínio da banalização e superficialidade, não só do sexo, mas de tudo. Poucos temas sérios são tratados. A programação

televisiva é impressionante. Todas as relações são superficiais: de amizade, na escola, tudo é muito funcional e burocratizado. Não se dá importância a cada ser. Não se vai ao fundo das questões. Não estamos sabendo construir um mundo de partilha.

A primeira grande lição que os pais podem dar para os filhos é eles revelarem uma vida sexual equilibrada. Aqui não estou falando de ato sexual, mas de vida sexual, afetivo-sexual, de respeito mútuo, de ajuda, de abnegação e renúncia. Esta é a lição da vida, ou seja, como os pais vivem a sua afetividade. A segunda lição é como os pais manifestam o seu amor para com os filhos. O exagero em termos de super-proteção não favorece a educação de uma sexualidade madura.

Por outro lado, a falta de atenção, de tempo, dedicação e carinho, também são prejudiciais. Os pais precisam ajudar o adolescente, a se libertar, a ser ele mesmo. Como vivemos num mundo de uma compreensão empobrecida de sexualidade, cabe aos pais estudar porque um grande número de pais são ignorantes em matéria de sexualidade. Guimarães (1995, p.40) nos diz que:

[...] a família também se contamina com o autoritarismo social e reproduz o consenso acrítico das relações entre seus membros. A relação autoridade-família resulta nos mecanismos de internalização da submissão. Ela tem sobrevivido como uma "ilha" de laços gratuitos, numa sociedade de relações de troca e consumo.

É importante, também, poder dizer não. Às vezes, o medo de causar traumas deixa os pais excessivamente tolerantes. Esse é o desafio, como pais e educadores. Não é tarefa fácil, mas vale a pena passar junto com os filhos e alunos, essa etapa tão importante do desenvolvimento emocional de cada um, a caminho de uma vida adulta mais saudável.

Um dos elementos básicos da vida familiar é a afetividade, que é essencial para que uma educação seja viva e transmita vida. A afetividade é o conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhadas de dor ou prazer, satisfação ou insatisfações, agrado ou desagrado, a alegria ou tristeza. A afetividade compreende necessidades fundamentais como: amar e ser amado, proteger e ser protegido, ser aceito e acolhido. Ela se manifesta de muitas maneiras: no contato social, no relacionamento com a realidade e com as pessoas, sobretudo com o outro sexo.

Nos tempos de hoje, ainda existem pais que não sabem exatamente orientar seus filhos sobre o funcionamento do seu corpo e dos órgãos reprodutores. Alguns sentem vergonha de dizer que não sabem quase nada sobre sexualidade e nunca conversam com os seus filhos, mesmo de forma ultrapassada. A maioria dos pais deseja o melhor para seus filhos, mas não sabem transmitir seu pensamento devido à falta de informação correta sobre o avanço da sexualidade nos dias atuais.

Com as mudanças de valores nos costumes sexuais, os pais ficam em dúvida e alguns se tornam autoritários para não terem que enfrentar discussões e pôr em prática os seus conflitos, enquanto outros abdicam completamente de seu dever de educar, não colocando regra alguma no modo de orientar seus filhos. Conversar sobre sexualidade com os filhos não é despertar o interesse precoce para a vida sexual. A falta de informação nesta idade aumenta a curiosidade e leva o jovem a uma experiência mais rápida, sem ainda entender a responsabilidade do que está praticando, Saito (2001, p. 125) ressalta que:



Nos dias atuais a ausência dos pais, a falta de diálogo encoberta pela farsa da pouca disponibilidade de tempo (tempo não é só quantidade, mas principalmente, qualidade) deixa crianças e adolescentes a mercê de outros "orientadores" como TV, Internet, vídeo, opiniões quaisquer.

O diálogo é importante nesta fase de transição e os pais devem perceber que uma boa orientação com certeza vai diminuir a angústia e refletir melhor sobre sexo, evitando uma relação amorosa imatura. Os pais devem orientar seus filhos sem brigas e gritos, podendo apresentar novas idéias, refletindo com mais carinho e passando mais confiança nesse período emocional que é muito difícil ser percebido pelos adultos.

A preocupação demasiada dos pais com a maneira como os filhos aparecem para a sociedade interfere às vezes na escolha das roupas, cabelo, limpeza, gírias, atrapalhando os jovens na vivência melhor desta fase da sexualidade. O adolescente se propõe a enfrentar o mundo adulto, a se definir como homem ou mulher. Busca suas idéias, seus valores e atitudes próprias. Contudo, todo diálogo tem um alcance terapêutico, as palavras têm poder de transformar as fantasias e ao mesmo tempo de limitar os problemas. Tiba (1994 p. 134) afirma que:

Como qualquer diálogo, o sexual envolve saber falar e saber ouvir. Estar preparado para o diálogo significa estar aberto para modificar seu próprio ponto de vista; o sucesso enriquece as duas partes[...]

A sexualidade humana continua sendo vista de forma restrita. De uma certa maneira, os adolescentes conversam mais sobre sexo entre os grupos do que em casa, pelo menos eles conseguem conversar, pelo menos podem falar. Mas, apesar dessa conversas, o bom é que também tivessem a informação, a perguntas. Os jovens falam mais entre si porquê não há aquele distanciamento

de geração para geração, onde todas as coisas são ocultadas porque o peso da geração mais velha ainda é muito grande para eles. Os adultos, não abrem os braços, não contam suas experiências, não contam seus fracassos. Pais e mães, não contam às vezes que tiverem fracassos dos mais diversos na escola. Não falam das vergonhas que passaram com professores, colegas, com seus próprios pais, gafes que cometeram. Seria extremamente importante falar disto para os filhos.

Os pais têm que aprender a se colocar num nível mais coerente com os adolescentes. Entre eles a linguagem é a mesma, a desaprovação é mínima e a desaprovação dos pais e mães é muito pesada. Desde a infância as crianças falam em sexo, porque ali, no grupo, é "bonito" falar, se gabar e em casa é altamente proibido. Raramente se encontra uma família onde essas coisas podem ser discutidas mais abertamente. Os adultos ainda não descobriram o caminho para esta associação, esta chegada no adolescente. Os pais infligem medo, vergonha, culpa. Dão espaço para a mentira. Eles sempre têm muito mais críticas do que um compartilhar gostoso.

Enfim, não é uma tarefa fácil manter uma família reunida durante esta fase em que os caminhos de cada membro familiar segue um rumo diferente. Mas é exatamente neste momento que é imprescindível um esforço constante de cada um para compreender e se colocar no lugar do outro, descobrir o "por quê" de certas atitudes e buscar através do diálogo esclarecer os desentendimentos. É importante descobrir que para uma família se dar bem, ninguém precisa abandonar os seus interesses. Pelo contrário, deve sempre segui-los quando lhe proporcionarem crescimento.

Em tempos de AIDS e do crescimento da gravidez precoce, levada ou

não o termo, em tempos em que os jovens iniciam muito cedo a prática sexual, pais e educadores preocupam-se em municiar os adolescentes, o mais cedo possível, do maior número de informações que, eles imaginam e julgam, devam ser devidamente utilizadas por eles, pela vida a fora.

Azevedo (2001 p. 131) informa que:

A família e a escola não podem eximir-se de participar do processo de educação sexual. A primeira pela responsabilidade na transmissão de valores e a segunda por ter como função precípua educar de maneira mais ampla e não apenas informar.

Não há dúvida alguma de que a escola desempenha uma função na educação sexual de seus alunos. O grande problema é que os seus representantes diretos entre os jovens, os professores, nem sempre se dão conta disso e suas ações individuais e ou coletivas. Como o assunto é incômodo, complexo e não faz parte do "conteúdo obrigatório", raramente é discutido pelo grupo dos educadores. Cada professor faz o que pode. E o resultado é que, em geral, cada um age de acordo com sua experiência pessoal e disponibilidade, norteado, geralmente, por informações colhidas em breves cursos, palestras ou leituras realizadas.

Mesmo cumprindo o seu papel com responsabilidade e competência, a escola tem seus limites no trabalho de informar os alunos e auxiliá-los a terem seus próprios valores na vida sexual, sabendo respeitá-los com coerência. Um deles refere-se ao aluno falar e ouvir em grupo. Ele precisa, inclusive, aprender a respeitar esse limite, a saber preservar sua intimidade, formulando suas dúvidas e questionando o conteúdo sem se expor limite que termina a possibilidade de trabalho na escola. Suplicy et. al (2000, p. 11) relatam que:

É função da escola contribuir para uma visão positiva da sexualidade, como fonte de prazer e realização de ser humano, assim como aumentar a consciência das responsabilidades. Ao promover intenso debate entre os jovens e fornecer informações corretas, a Orientação Sexual na escola dá oportunidade ao adolescente de repensar seus valores pessoais e sociais, bem como partilhar suas preocupações e emoções.

Diante dessas dificuldades, a escola tem o papel importante de informar, debater sobre os tabus, os preconceitos relacionados à sexualidade. A escola tem o dever de orientar auxiliando o jovem, a descobrir e a desenvolver suas próprias capacidades sexuais de modo a ajudá-los a se tornarem pessoas autônomas.

A orientação sexual na escola é um grande desafio. Desafio por ser um processo altamente dinâmico, pois escola é vida e o projeto deveria atender pais, professores e alunos, portanto é um investimento de tempo e também financeiro, por isso é indispensável integrar família e escola. Diante disso a escola deverá fomentar no aluno a capacidade de torna-se "dono de seu destino". Suplicy et. al (2000 p. 08) nos dizem que :

[...] a Orientação sexual é um processo formal e sistematizado que se propõe a preencher as lacunas de informação, erradicar tabus e preconceitos e abrir a discussão sobre as emoções e valores que impedem o uso dos conhecimentos.

A orientação sexual na escola é necessária porque os alunos, em todas as faixas etárias, conversam sobre sexo e as informações que trocam entre si são incompletas, e muitas vezes erradas e preconceituosas. Se os jovens forem bem informados, iniciará sua vida sexual mais tarde e com mais responsabilidade. As próprias famílias esperam que esse tipo de informação

aconteça na escola. As próprias cenas sexuais das novelas da televisão perturbam os pais que não sabem como criticá-las. Os jovens engravidam muito cedo, se tornando pais quando ainda são filhos dependentes ou seguem o caminho do aborto, ficando com seqüelas físicas e psicológicas.

O sexo é componente da vida. Discutindo, pesquisando, analisando, debatendo na classe, os alunos aprenderão a separar e discernir o real das crendices e preconceitos. Para que a escola tenha êxito na sua caminhada para a orientação sexual, precisaria prestar orientação na educação para os valores, para a dignidade do ser e do sexo, levando-o para uma capacidade de escolha e decisão e sentir quem tem boas razões para viver e razões para esperar que as coisas aconteçam. Nunes e Silva (1999, p.164) propõem que:

A escola, como centro de educação formal, historicamente, tem construído para a "dessexualização" do indivíduo (através da negação da sexualidade, via "neutralidade" ou "legitimidade" de tabus).

Na adolescência então, é hora de falar, conversar sobre sexualidade, AIDS, drogas. Sabemos da dificuldade de conversar, mas sabemos também que as informações que os adolescentes adquirem, vêm de colegas. Daí é fundamental importância da escola, sua participação no sentido de organizar, esclarecer melhor essas informações que correm entre grupos de colegas, ajudando o adolescente à reflexão e servindo assim, a Escola, como um continente para os conflitos e anseios dos jovens, sem esquecer que cabe à família a educação.

A escola deve ter uma posição muito clara do que pretende. O assunto é complexo e envolve não só o professor e o aluno, mas também sua família.

Consciência de estar com bom embasamento teórico, de se colocar a sexualidade num contexto amplo, ligado à vida e à afetividade é fundamental. Se o trabalho não envolve a família, se tornará frágil e ineficaz. A família caminhando junto, envolvida nos mesmos propósitos, fortalecerá o conhecimento e aumentará seus vínculos com a criança e escola. Se a orientação chegar também aos pais, certamente não acontecerão choques e resistências. A implantação de um programa exige muito. Não poderá ser feito às pressas e envolvido num entusiasmo sem bom alicerce.

O grande desafio na nossa sociedade de hoje, é uma análise da sexualidade numa perspectiva histórico-cultural, onde a educação sexual leve conta um questionamento crítico das noções sexuais correntes. Assim poderemos preparar condições de desenvolvê-las em seu contexto pessoal de criá-la, não esquecemos da necessidade também de uma reeducação da própria sexualidade. Onde o educador possa conhecer a si próprio, sua própria sexualidade para que possa de modo aberto desenvolver um trabalho onde tenha condições de trazer a sexualidade no nível da palavra, do permitido, do processo e humano e não só do proibido, como Azevedo (2001, p.13) relata que:

Uma forma de contribuir para a reversão deste quadro é buscar o apoio dos próprios adolescentes. Em vez de mobilizá-los com palestras comunicativas, deve-se procurar envolvê-los em atividades participativas, que estimulem a discutir e refletir sobre o assunto por meio de dinâmicas e debates em grupo, nos quais o educador atua apenas como facilitador.

Sabendo-se que a sexualidade é uma energia natural do ser humano, entendendo que o aluno tem liberdade de escolha do caminho que deseja trilhar, entendendo que haverá limitações, mas estando o professor

sensibilizado para a necessidade de um programa, é hora de planejar a implantação. Levantar os interesses dos alunos, fazer um diagnóstico por meio de conversas informais, questionário escrito, para levantar o temário ou em grupos onde haverá maior espontaneidade. Analisar onde e como vivem, como é a família, o que pensam, pois ela tem seu valor, que são transmitidos para os filhos. Devemos então, procurar ter mais informação, para que não ocorram esses "acidentes" sexuais, que a cada dia está aumentando na nossa sociedade, veremos então essas informações no terceiro capítulo.

### CAPÍTULO III SEXUALIDADE INFORMADA

UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
AS BARBAS

A sexualidade envolve nossas emoções, nosso corpo, as formas de relação conosco e com os outros. A preservação da nossa saúde passa por uma série de cuidados que precisamos ter. É importante saber como nos alimentar de modo saudável, quais os hábitos de higiene que devemos ter, como nos vestir de modo adequado à temperatura, como realizar atividades físicas, não nos esquecendo do cuidado com nossos sentimentos e emoções.

É, porém, na adolescência que se dá, em definitivo, a descoberta da outra pessoa como atração e complemento à sua sexualidade e afetividade. O ser humano, em poucos anos, passa, de um olhar egoísta e prazeroso sobre si mesmo, para ser atraído por uma pessoa do outro sexo, como complemento à sua satisfação e prazer de viver. Então, quando se fala em prazer, logo se pensa em sexo. No entanto, prazer significa satisfação. E, portanto, uma qualidade psíquica. A sexualidade tem como resultado o prazer, a satisfação. O prazer é percebido, sentindo no corpo como uma “vibração interna” ou uma sensação confortante de “calor” ou de “suavidade”.

Muitas pessoas costumam associar a palavra prazer como pecado ou obsceno e não a sua função adequada na nossa vida e no nosso corpo. Somos, desde as nossas origens, dotados de sexualidade. Revestidos de pele e com cinco sentidos, cada célula do nosso corpo faz parte da sexualidade, sente, pulsa, contrai e expande, vibra. O prazer tem qualidades puras: a afetividade, a capacidade de se ligar aos seus semelhantes e com a natureza, a capacidade de ter sentimentos. Ao comer e nos satisfazermos, sentimos



prazer. Ao descansar e dormir, relaxamos e sentimos prazer. Ao fazer sexo, deveríamos concluir com prazer, mas nem sempre a sexualidade, sua função, o uso adequado, as DST/SIDS, a gravidez precoce, métodos contraceptivos, a virgindade, entre outros, informa Tiba (1994, p.112):

[...] a novidade concreta é o desejo.[...] É preciso encarar o assunto de frente. Sim, sexo é bom, dá prazer e, como tudo o que dá prazer precisa ser usado com sabedoria para não causar o efeito contrário. Assim, é preciso discutir quais são os riscos de algo que é tão gostoso. É tornar-se viciado? É engravidar? É pegar doenças? Então, é preciso lidar com todos esses aspectos para que, quando chegar a hora, o jovem saiba lidar consigo mesmo.

A consequência de viver com prazer é uma atitude amorosa natural e espontânea. Então, como viver com prazer, sem está bem informado sobre os perigos que a sexualidade envolve? A adolescência caracteriza-se por grandes questões, como: a busca por uma identidade que possibilite a passagem da fase infantil para a adulta, a explosão de novas sensações corporais, a afirmação da escolha sexual, o ingresso da vida profissional, a problemática da dependência dos pais. Acrescento a estas questões uma grande mudança de identidade, uma transição existencial, como é a gravidez, torna a situação bastante complexa. A gravidez na adolescência abrange uma rede de relações e preceitos sociais, portanto, é uma crise sistêmica. Crise significa um período temporário de desorganização, precipitado por mudanças internas ou externas. Pode-se afirmar que tanto a adolescência quanto a gravidez são uma crise. A primeira é necessária e imprescindível para o crescimento do indivíduo enquanto ser humano; já a segunda é uma opção, pode-se escolher o momento de viver a gravidez.

Apesar da sociedade ter criado tantos meios de informação sobre sexo,

é elevado o número de adolescentes que engravidam. A maioria dos pais preferem educar seus filhos sobre a sexualidade como foram educados, com repressão e silêncio. Acreditam que se falarem abertamente sobre o assunto, podem despertar o adolescente precocemente para a vida sexual. O Ministério da Saúde (2000, p.40) relata que:

A família, por sua vez, muitas vezes é responsabilizada por todas as infelicidades do mundo jovem. Mas há que se dar um desconto, pois nem sempre ela se sente preparada para responder aos anseios de seus filhos e filhas. Vale lembrar que os pais e as mães de hoje tiveram muito menos acesso à informação sobre sexualidade; além do que, devem ter tido uma educação muito mais repressiva que a de agora.

Atualmente, a gravidez na adolescência, não é mais sinônimo de tragédia, mas de muitos problemas. As famílias e os adolescentes convivem neste momento com os "fantasmas" do aborto e do casamento, carregados de todos os valores sociais que o cercam. Implicações financeiras e morais, desejos frustrados com relação aos filhos, novas responsabilidades, a discriminação da família, dos amigos, da escola; as coisas que sempre sonhou para sua vida são negadas como: cursos, trabalho que pretendia ter, viagens, o abandono da escola ou pela falta de tempo ou pela vergonha. Tudo ao mesmo tempo.

Tanto para a moça como para o rapaz, a gravidez precoce é um acontecimento desestabilizador. Assumir a maternidade e a paternidade implica em condições emocionais, físicas e econômicas, para as quais eles não estão preparados. É angustiante a perspectiva de que suas vidas serão modificadas por completo. Na gravidez, a mulher tem a oportunidade de repensar a própria infância e estreitar um novo papel existencial. Para um

adolescente este processo torna-se confuso, pois ela ainda transita na infância e não tem uma identidade elaborada. A dependência com relação à mãe ainda é muito forte, não permitindo que ela mesma encarne essa função com tranquilidade e discernimento. Castro (1998, p.38) propõe que:

[...] de qualquer maneira, é inegável que toda gravidez na adolescência interrompe, adia ou reestrutura os projetos de vida dos adolescentes e de seus familiares. E a vida estudantil, infelizmente, costuma ser afetada.

A maneira mais saudável para orientar a vida sexual dos adolescentes seria que os pais tivessem liberdade consigo próprios para poder informar e ouvir os filhos, e que desde cedo educassem a criança para responsabilizar-se por suas ações. É importante que a família apóie, analise a situação e pense junto o que fazer diante da gravidez precoce. Que sejam estabelecidos os limites e responsabilidades de cada um, para possibilitar uma situação com menos conflitos e mais aprendizado. É preciso também orientar os métodos contraceptivos para se evitar uma gravidez precoce, tais como: a camisinha que é um invólucro de borracha fina, que vem enrolada e é desenrolada no pênis ereto, antes de ele entrar na vagina; a tabelinha que é um método natural, que não se utiliza produtos químicos, é um método que consiste em descobrir os dias em que é mais fácil engravidar, pois é um método bastante falho; a pílula, que é um comprimido feitos com hormônios não-naturais. É o método mais seguro de anticoncepção; o diafragma, é uma capinha de borracha que deve ser colocada na parte mais profunda da vagina, tampando a entrada do útero; o DIU, que consiste em um dispositivo de cobre ou de plástico, que é colocado pelo médico dentro do útero; o coito interrompido, que

é uma forma também comum de tentar evitar a gravidez, mas pouco segura, consiste no homem retirar o pênis da vagina na hora em que vai ejacular; o muco cervical, que é uma espécie de catarro grosso que sai da vagina e muda de consistência quando a mulher está no período fértil, entre outras formas de contracepção que são feitas através de cirurgias, como a vasectomia, que é feita no homem; a laqueadura ou ligação de trompas.

Todos esses métodos, podem sim evitar uma gravidez, mas, têm alguns que não são muito seguros e por isso o mais recomendado é o uso da camisinha, pois, não deixa o sêmen entrar no útero da mulher, não faz mal à saúde e previne das doenças sexualmente transmissíveis. É sempre bom, ter em mente, que, uma gravidez indesejada, uma doença sexualmente transmissível, pode ocorrer com qualquer pessoa que não se previne, por mais que seja a primeira transa. Sempre dizemos, "comigo não vai acontecer", e sempre acaba acontecendo. A dificuldade que os adolescentes tem em assumir que transam, com várias dúvidas e conflitos na cabeça, é muito difícil, e quando não ver, que está de maneira errada, o estrago já está feito, e como vão encarar, esses "acidentes sexuais" com responsabilidade? Como Suplicy (1995, p.105) informa que:

Geralmente, com dificuldade de assumir uma vida sexual, com muitas dúvidas e conflitos, os adolescentes não têm condições de tomar essa decisão, nem tem força de vontade para controlar a intimidade sexual para isto não acontecer. As coisas vão "rolando". Quando percebem, a garota engravidou.

É muito importante ressaltar aos jovens que, mesmo a primeira relação sexual, pode resultar em gravidez. Se o casal tem clareza que não é o momento de ter filhos, precisará procurar um médico ou alguém da área da

saúde, para conhecer os métodos anticoncepcionais, verificando seus prós e contras, para, então, poder optar pelo que julgarem mais adequado. Anticoncepção vista dessa maneira, inclui a participação ativa do casal que se ama tem compromissos e responsabilidades mútuas. A coerência com os valores pessoais e a formação familiar, a capacidade de discernir o que é mais saudável, são aspectos muito importante a serem levadas em conta, para esta tomada de decisão que deve ser, sentir, de exprimir o amor humano, um processo não apenas biológico, psíquico e cultural mas também social.

Com relação à sexualidade, não poderia ser diferente. Saber quais os cuidados necessários e os sinais que indicam que algo não vai bem com nossa saúde. As doenças relacionadas à sexualidade são denominadas de doenças sexualmente transmissíveis (DST). As doenças sexualmente transmissíveis, são moléstias infecto-contagiosas cujo único meio importante de transmissão é o contágio durante o ato sexual. São consideradas (DST): a gonorréia, sífilis, herpes genital, candidíase, tricomoníase, cancro mole, verrugas venéreas, uretrites inespecíficas, entre outros, que são curados através de tratamento. Vamos ver cada um deles especificamente.

- Gonorréia- Nos homens o sintoma consiste em dor e ardência ao urinar e um corrimento amarelado e purulento que sai do pênis poucos dias depois do contágio. A mulher pode ficar estéril se não tratar a gonorréia.

- Sífilis- É a mais perigosa de todas as doenças, é transmitida através da relação sexual, se não for tratada pode causar cegueira, problemas do coração, paralisia. O sintoma é uma ferida avermelhada no genital.

- Herpes Genital- É uma doença que está aumentando a cada dia. Os sintomas, são pequenas bolhas, que depois vira ferida, no pênis, vagina ou

vulva, ou nos lábios e boca. É uma doença perigosa, e não tem cura.

- **Candidíase**- É uma doença que apresenta, corrimento, leucorréia e que estão relacionados a imunodeficiência.

- **Tricomoniase**- É uma infecção localizada. Muitos homens e mulheres não têm sintomas; as mulheres geralmente apresentam corrimento vaginal com mau cheiro, irritação ao urinar, intensa coceira, ardor, vermelhidão. O tratamento é simples, tendo de ser feito pelos parceiros.

- **Cancro Mole**- Não é doença comum em nosso meio. O achado clínico é muito mais comum em homens do que em mulheres.

- **Verrugas Venéreas**- Doença altamente contagiosa, as verrugas aparecem isoladas em volta da vagina ou no pênis. O tratamento é com cirurgia, congelamento ou aplicação de loções.

- **Uretrites**- Essa doença está se alastrando muito. Os sintomas são, secreção que sai do pênis, dor ao urinar. Se não tratada, essa doença ataca os órgãos reprodutores da mulher.

Nos últimos anos tem-se observado que um avanço dessas doenças, apesar de tanta informação que a TV, a Internet, as revistas, entre outros oferecem, ainda sim, existe grande índice das DSTs. Como Santos e Santos (1999, p. 219) afirmam que:

A limitada informação sobre sexualidade, doenças sexualmente transmissíveis, AIDS e drogas contribui para a vulnerabilidade dos jovens. Portanto, é na educação para a saúde que identificamos a forma eficaz de controle da epidemia, particularmente na juventude.

Percebe-se que, os adolescentes são carentes de informações sobre a sexualidade, sobre a gravidez na adolescência, os métodos contraceptivos, as

DSTs e que tentam de várias formas adquirir um conhecimento mais amplo e mais detalhado sobre temas tão pouco abordados na sala de aula, mostrando assim, a grande incapacidade que os professores têm em abordar a sexualidade e seus componentes nas salas de aulas; tanto pela falta de qualificação, quanto aos preconceitos e constrangimentos e até mesmo por não gostarem de falar sobre o assunto, devido ao tema ser um tabu na sociedade. Egypto (2003, p.14) ressalta que:

Se a escola se omite, se não trabalha o assunto, está deixando que essa sexualidade continue a ser tratada só informalmente, pelo que acontece em casa, na rua, pelo que se refere na mídia.

Os adolescentes têm curiosidades em saber mais sobre o tema sexualidade, tendo um grande interesse em aprender a fazer sexo e como conviver melhor a cada dia sem ter medo de se relacionarem com outras pessoas, sabendo, quais as melhores formas de se fazer sexo, de como se prevenir das doenças, de como seria a sua primeira relação sexual, tudo isso, eles gostariam que o professor abordasse na sala de aula, sem constrangimento, sem preconceito, tendo uma relação mais aberta, proporcionando aos jovens uma preparação segura através de informações que esclareçam dúvidas e receios sobre a sexualidade.

Todos os assuntos relacionados à sexualidade, precisam ser trabalhados de forma adequada, para que os jovens possam compreender a sexualidade, quebrando barreiras como a exclusão social, a desigualdade sexual, como Furlani (2003, p.69) diz: "A escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria às produz."

Nesse sentido com o presente trabalho, buscamos oferecer algumas contribuições, com o intuito de possibilitar aos adolescentes um maior esclarecimento no que se refere às questões relacionadas a sexualidade. Portanto entendemos que, quanto mais a escola optar pela orientação sexual, melhor. Preparando professores, atualizando seus conhecimentos, sem deixar de lado a possibilidade de trabalhar junto com seus pais.

Por fim, para uma vida sexual feliz e madura é importante saber distinguir as coisas, os valores, amar a natureza, buscar a harmonia do corpo e da mente, dar importância ao grupo de amigos e viver com responsabilidade.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

A pesquisa foi realizada na cidade de Sousa, do Estrado da Paraíba, na Escola Estadual de Ensino Fundamental André Gadelha. Esta instituição foi escolhida pela carência de informações que os discentes têm sobre a sexualidade.

A amostra foi composta pelos adolescentes do ensino fundamental da 5ª a 8ª séries, tendo assim um total de 30 participantes que colaboraram com o questionário. Havendo 11 participantes do sexo feminino e 19 do sexo masculino. Esses participantes variam dos 12 aos 21 anos de idade, variando também às séries de 5ª a 8ª.

O instrumento utilizado nessa pesquisa, foi um questionário com questões semi-estruturadas (em anexo), que identificam assuntos referentes a sexualidade que possam assim, esclarecer dúvidas e poder discuti-las com os alunos, procurando subsídios para que possam tornar a sexualidade na escola uma questão de prazer para ser discutida tanto com os pais quanto com os professores. O questionário aborda sete questões que são apresentadas abaixo:

- Dúvidas e dificuldades aos assuntos sobre sexo;
- Com quem conversa sobre sexo;
- Por que a escolha desta pessoa;
- As formas de ter acesso às informações sobre sexo;
- Contribuição do professor na educação sexual;
- Assuntos que o professor abordasse na sala de aula;

- Compreensão sobre sexualidade.

Buscando identificar evidências com relação à sexualidade dentro da escola, fundamentadas nas respostas dos participantes correlacionados ao questionário, que foi aplicado nas salas de aula, a análise mostra informações sobre dúvidas sobre o tema. A aplicação do questionário tem como objeto, situações particulares para compreender e classificar processos que identifiquem as dúvidas e dificuldades que os alunos têm em relação à sexualidade, que mostram assim, o interesse pela orientação sobre o tema já citado.

No que diz respeito aos alunos do Ensino Fundamental II, 66,6% responderam que tem dúvidas sobre sexo, enquanto que 33,3% disseram que não têm dificuldades. Dizem os discentes:

"Tenho muitas dúvidas, como é transmitido o HIV". (Discente 02)

"Bem eu mesmo não tenho nenhuma dúvida sobre sexo" (Discente 01)

Isso se dá talvez, pelo fato de que os jovens precisem de uma orientação sexual na escola, isso mostra o quanto são carentes de informações e o quanto precisam ser acompanhados, para que possam viver sua sexualidade, de forma saudável, responsável e satisfatória. Vemos que existem pessoas que dizem que não precisam de uma orientação para eliminar certas dúvidas, pois, acham que com toda liberdade que têm, sabem tudo sobre sexo, e geralmente essas pessoas, mostram serem as que mais têm dúvidas, pois, os jovens têm vergonha de falar sobre esse tema tão polêmico.

No que diz respeito, com quem os alunos conversam sobre sexo, 56,6% falam com os amigos, 20% falam com a família, 10% com os professores, 13,3% não conversam com ninguém. Relatam os alunos:

"Com amigas experientes nesse assunto, pessoas que já passaram por essa fase tem mais facilidade para falar". (Discente 04)

"Com minha mãe ou com avó". (Discente 15)

"Geralmente eu converso com minha professora de Ciências". (Discente 16)

"Eu até agora não converso com ninguém, não converso muito sobre isso". (Discente 11)

Vemos então, o quanto o tema sexualidade é polêmico, por isso, os alunos conversam mais com os amigos, e para eles, a família e os professores são descartados. É por isso que o papel do adulto é fundamental. É preciso que o adulto tanto a família, quanto ao professor ofereçam papéis que os adolescentes desenvolvam para que possam criar novas necessidades. É importante que os professores excluam esses preconceitos, essas concepções, para que possam transmitir a sexualidade de forma mais adequada, pois, a escola tem suas regras e normas sobre a sexualidade, que se constituem em uma proposta nem sempre clara de educação sexual, que às vezes pode acabar em um grande engano.

No que se refere ao motivo pela qual, os alunos conversam sobre sexo, mostra que 70% conversam mais com estas pessoas, porque tem mais intimidade e 30% falam que conversam com estas certas pessoas, porque acham que sabem sobre o assunto. Dizem os discentes:

"Porque são as pessoas que tenho mais intimidade e não tenho vergonha". (Discente 16)

"Porque eu confio muito nela e ela é adulta, sabe sobre tudo".  
(Discente 03)

Isso mostra o quanto os adolescentes têm vergonha, ficam constrangidos ao falarem com a família ou com os professores, procurando assim, pessoas que tem a mesma faixa etária e que se sentem a vontade para falar sobre um assunto que é tão polêmico, que é sobre sexo. E é por terem essa vergonha, esse constrangimento, que os adolescentes preferem conversar com pessoas que têm mais intimidade, ou seja, seus amigos mais próximos. Então, o que leva à esses adolescentes terem conversas por terem intimidade, mostra o quanto o afeto da família e dos professores é importante, pois, precisam compreender o jovem, ouvi-lo, para que essa intimidade também seja compartilhada com eles.

Em relação às formas que os alunos têm acesso às informações sobre sexo, mostra que, 30% procuram revistas, 23,3% se informam pela TV, 20% pela escola, 10% através da família e 16,6% tem acesso de outras formas.

Relatam os discentes:

"Eu leio revistas de orientação sobre o sexo" (Discente 21)

"Procuro me informar pela televisão" (Discente 19)

"Através da escola" (Discente 12)

"Converso muito sobre isso com minha mãe para eu ter uma relação certa com a pessoa certa" (Discente 25)

Vimos que a família e a escola, são os que menos os adolescentes procuram para se ter acesso às informações sobre sexo. O quanto a escola precisa adquirir subsídios para poderem informar, auxiliando-os com respeito,

temas que possam dar espaço aos adolescentes para que compreendam a sexualidade tirando suas dúvidas e dificuldades. A escola precisa intervir junto com a família, pois então, poderão esclarecer a sexualidade na vida dos jovens.

No que diz respeito, se os alunos acham necessária a contribuição do professor para a sua educação sexual, mostra que 93,3% dos discentes dizem que acham importante o professor orientá-los sobre sexo, porque a escola tem o direito, talvez, de poderem tirar suas dúvidas, deixando-os mais seguros com relação ao assunto que deve ser abordado, e 66% disseram que não acham necessária a presença do professor para que possa contribuir na sua educação sexual, dizem os discentes:

“Porque o professor é o nosso condutor quando a família não está presente para aconselhar” (Discente)

“Acho que não, porque os professores não são qualificados nesse assunto, não gostam de falar sobre sexo” (Discente 23)

Vê-se então, que os alunos, gostariam que os professores abordassem o tema sexualidade na sala de aula, eles necessitam serem informados, orientados pelos professores. Também vemos que os professores precisam ser qualificados, precisam buscar mais conhecimento, mas não só de informação. Conhecer é diferente de se ter informação, então, para se trabalhar a orientação sexual não bastam apenas os aspectos informativos ou biológicos, mas sim, abrir espaços para que os jovens possam debater tabus, preconceitos, buscando ampliar seus conhecimentos sobre a vida sexual e sobre a própria sexualidade.

Em relação, aos assuntos que os alunos gostariam que o professor abordasse na sala de aula, 43,3% gostariam que falasse sobre sexo, 16,6% gostariam que falasse dos métodos contraceptivos, 10% das DSTs, 6,6% falasse de virgindade, 33% da gravidez precoce e 3,3% gostariam que falassem do prazer, 3,3% da primeira transa e 26,6% gostariam que falassem de outros assuntos. Os discentes relatam:

"Sobre sexo, um assunto que a maioria dos professores não falam"  
(Discente 10)

"Como nos prevenir, pois isso é muito importante para a nossa educação sexual" (Discente 24)

"Assuntos como doenças sexualmente transmissíveis (DSTs)".  
(Discente 15)

"Como tira uma virgindade" (Discente 09)

"Gostaria que a professora falasse como o homem e a mulher sentem prazer na hora que estão fazendo sexo". (Discente 11)

"Sobre todos os assuntos relacionados a gravidez, a primeira transa, a camisinha, etc". (Discente 22).

Isso mostra que os adolescentes sentem a necessidade de aprender mais sobre a sexualidade, para que saibam a melhor forma de se praticar e fazer sexo com saúde e responsabilidade. Todos esses assuntos precisam ser trabalhados de forma adequada, para que os jovens possam compreender a sexualidade, quebrando barreiras como a exclusão social, a desigualdade sexual, como Jimena Furlani diz (2003:69): "...A escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria às produz".

Com relação, se os alunos entendem por sexualidade, 93,3% dos discentes responderam a questão, e 6,6% não responderam. Analise que

esses alunos que responderam falam de sexualidade, como uma relação sexual, de dar prazer um ao outro, e de quanto é importante para a vida do ser humano. Outros falam que não sabem ou não entendem de nada. A maioria respondeu, mas não sabem distinguir o sexo da sexualidade. Assim eles relatam:

“Eu entendo só por transa, mas queria saber mais sobre isto” (Discente 10)

“Sexualidade é um gesto de vontade e de prazer”. (Discente 21)

“Infelizmente nada” (Discente 08)

“Necessário para o ser humano”. (Discente 17)

Falar sobre sexo é muito difícil, pois saber o que é realmente “sexo” não sabemos. O conceito de “sexo” depende muito da verdade de cada um.

Bastamos compreender que o “sexo” não é uma técnica, que podemos ensinar e pronto. Sexo, como Vasconcelos diz (1985:07): “... é uma arte e uma sabedoria”. Sexo é o que construímos através dos nossos sentimentos, é mistério que torna então algo curioso preste a ser descoberto. E é através dessa curiosidade em aprender o que é a sexualidade, que construímos a nossa concepção sobre o sexo.

Portanto, a sexualidade jamais deixará de ser debatido entre os jovens, pois, por ser um tema bastante polêmico, é gostoso de se conversar, dando assim, a necessidade para que possam aprender de forma adequada para que possam tomar decisões corretas, mostrando assim, o quanto a sociedade influi na construção de cada identidade que é construída por seus valores possibilitando uma vida com mais responsabilidade.

Conforme a análise feita pelos questionários, foram estabelecidos, encontros semanais, com duração de três horas aula, com os adolescentes para se trabalhar a questão da sexualidade, esclarecendo dúvidas e dificuldades. Foram seis encontros, tendo cinquenta e oito inscritos, e só participaram dez, e que esses participantes eram apenas do sexo masculino. Vê-se então, o quanto a timidez, a vergonha, fazem parte constante do cotidiano das adolescentes.

Nos encontros, foram trabalhados temas relacionados à sexualidade na adolescência, tais como: conceito de sexo e sexualidade, papéis sexuais, masturbação, virgindade, puberdade, primeira relação sexual, gravidez precoce, métodos contraceptivos, doenças sexualmente transmissíveis, homossexualidade, entre outros. O trabalho foi bem desenvolvido, pois, como avaliaram os alunos, os encontros eram dinâmicos, proveitosos, extrovertidos e esclarecedores. Os alunos participaram das aulas com entusiasmo e com vontade de adquirir mais conhecimentos a respeito da sexualidade, como relata um dos adolescentes:

"A aula de hoje foi proveitosa, muitas dúvidas foram tiradas, a aula foi alegre e descontraída, gostei muita e espero que seja sempre assim".  
(Discente 01)

O trabalho foi desenvolvido através de textos, músicas, exercícios, painéis, filmes, deixando assim, os alunos cada vez mais interessados sobre o assunto, podendo assim, auxiliá-los nas suas dúvidas. Os adolescentes, a cada encontro, vinham com perguntas para que fossem discutidas e esclarecidas na sala de aula, para assim, poder dialogar, interagindo com os demais colegas. Diante disso um aluno indaga:



"Gostaria de saber quem sente mais prazer na hora do sexo, o homem ou a mulher?" (Discente 03)

Isso mostra o quanto os adolescentes precisam de uma orientação sexual bem qualificada, mostrando seus conceitos adequadamente, para que as dúvidas, os preconceitos, o medo, a vergonha, sejam descartados, para que o processo de sua própria identidade sexual seja bem sucedido.

Diante desse depoimento, vimos a grande carência de informação estabelecidos na escola e na comunidade, pois, os adolescentes têm curiosidades sobre a sexualidade, e que das informações que colhem na rua, acontecem tantos problemas sexuais na suas vidas.

Portanto, o trabalho foi feito com muita dedicação e entusiasmo, e espero que todas as dúvidas e curiosidades tenham sido esclarecedoras, podendo assim, auxiliá-los a ter uma vida sexual saudável e com muita responsabilidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

EGYPTO, Antônio Carlos (org.). *Orientação sexual na escola um projeto apaixonante*. São Paulo: Cortez, 2003.

GUIMARÃES, Isaura. *Educação Sexual na Escola: mito da realidade..* Campinas-SP: Mercado de Letras, 1995.

LOMBARDI, José Claudinei (org.). *Pesquisa em educação: história, filosofia e temas transversais*. Campinas-SP: Autores Associados: Listedbuo, caçados, SC: UNC, 1999.

LOURO, Guacira, NECKEL, Jane e GOELLNER, Silvana (Orgs). *Corpo, gênero e Sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. *Prevenir é sempre melhor – 99*. Coordenação Nacional de DST e AIDS – 1ª ed. Brasília: 2000.

PINTO, Enio Brito. *Orientação sexual na escola: a importância da psicopedagogia nessa nova realidade*. São Paulo: Editora Gente, 1999.

SAITO, Maria Ignez; SILVA, Eduardo Vargas da. *Adolescência: prevenção e risco*.

São Paulo: Atheneu, 2001.

SAYÃO, Roseli. *Saber o sexo? Os problemas da informação sexual e o papel da escola*. IN: AQUINO, Júlio (org.). "Sexualidade na escola: Alternativas teóricas e práticas. São Paulo: Summus, 1997.

SUPLICY, Marta e outros. *Sexo para adolescentes: amor, sexualidade, masturbação, virgindade, anticoncepção, AIDS*. 3. ed. São Paulo: FTD, 1995.

\_\_\_\_\_. *Sexo se aprende na Escola*. GTPOS. São Paulo: Editora Olho d'Água, 2000.

TIBA, Içami. *Adolescência: o despertar do sexo – um guia para entender o desenvolvimento sexual e afetivo nas novas gerações*. São Paulo: Editora Gente, 1994.

VASCONCELOS, Naumi de. *Amor e Sexo na Adolescência*. São Paulo: Ed. Moderna, 1985.

## **ANEXOS**

## TABELAS

### Dúvidas ou dificuldades sobre sexo

Alunos	Participantes	Varição
Sim	20	66,6%
Não	10	33,3%
Total	30	99,9%

### Com quem conversa sobre sexo

Pessoas que conversam	Participantes	Varição
Amigos	17	56,6
Família	06	20%
Ninguém	04	13,3%
Professores	03	10%
Total	30	99,9%

### Motivo da escolha destas pessoas

Motivo da escolha	Participantes	Varição
Intimidade	21	70%
sob assunto	09	30%
Total	30	100%

### Formas de ter acesso às informações de sexo

<b>Instrumentos de Acesso</b>	<b>Participantes</b>	<b>Varição</b>
Revista	09	30%
Televisão	07	23,3%
Escola	06	20%
Outros	05	16,6%
Família	03	10%
Total	30	99,9%

### Contribuição do professor na Educação Sexual

<b>Alunos</b>	<b>Participantes</b>	<b>Varição</b>
Sim	28	93,3%
Não	02	6,6%
Total	30	99,9%

### Assuntos que o professor abordasse na Sala de Aula

<b>Temas</b>	<b>Nº de respostas</b>	<b>Varição</b>
Sexo	13	43,3%
Outros	08	26,6%
Met. Contraceptivos	05	16,6%
DST	03	10%
Virgindade	02	6,6%
Primeira Transa	01	3,3%
Gravidez	01	3,3%
Prazer	01	3%
Total	34	99,9%

## QUESTIONÁRIO

Sexo:

Idade:

Série:

1 – Quais as dúvidas ou dificuldades que você tem com relação aos assuntos sobre sexo?

2 – Com quem você conversa os assuntos sobre sexo?

3 – Por que você escolheu esta(s) pessoa(s) para conversar assuntos sobre sexo?

4 – De que forma você tem acesso às informações sobre sexo?b

## PALNO DE ATIVIDADES

UNIVERSIDADE ESTADUAL  
DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
BIBLIOTECA SETORIAL  
AS PÁGINAS

**EMENTA:** A Orientação Sexual na Adolescência, objetiva-se para uma vida sexual feliz e madura, distinguindo os valores, as crenças buscando a harmonia corpo e da mente, vivendo com responsabilidade.

**OBJETIVOS:** Conhecer como os adolescentes conhecem a sexualidade; refletir valores, preconceitos e tabus; analisar o modo como os adolescente lidam com a sexualidade.

**CONTEÚDOS:** Sexo-Sexualidade; Papéis Sexuais; masturbação; homossexualidade; Virgindade; Métodos Contraceptivos; Puberdade; Gravidez na Adolescência; Doenças Sexualmente Transmissíveis.

**METODOS** No decorrer dos encontros serão estabelecidas as seguintes atividades: estudo de texto, encontro expositivo dialogado., filmes, músicas, dinâmicas de grupo.

**RECURSOS DIDÁTICOS:** Livros, textos, brincadeiras músicas, filmes.

**AVALIAÇÃO:** Será feita ao final de cada encontro, podendo ser oral ou escrita, para que os alunos exponham os pontos positivos e negativos sobre o encontro